

HABITAÇÕES INDÍGENAS DOCUMENTADAS POR KOCH-GRUNBERG EM RORAIMA

VIVIENDAS INDÍGENAS DOCUMENTADAS POR KOCH-GRUNBERG EM RORAIMA

INDIGENOUS HABITATIONS DOCUMENTED BY KOCH-GRUNBERG IN RORAIMA

EIXO TEMÁTICO 3: História, Memória e Patrimônio

GURJÃO, Victória Santos

Graduanda; Bolsista Pibic CNPQ; Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR

vicky.gurjao@gmail.com

MACHADO, Ananda

Orientadora de Iniciação Científica. Doutora em História Social; Docente do Curso de Gestão Territorial Indígena do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima - UFRR

ananda.machado@ufrr.br

RAMALHO, Paulina Onofre

Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural; Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR

paulina.ramalho@ufrr.br

REALIZAÇÃO

O olhar de Koch-Grunberg sobre a habitação indígena em Roraima

O Estado de Roraima localiza-se ao extremo norte, na tríplice fronteira entre Brasil, República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativa da Guiana. E, desde o século XVII, como apontam Barbosa e Ferreira (1997), há registros sobre expedições científicas e exploratórias no então denominado vale do rio Branco. Essas deixaram fecundos registros sobre o ambiente e a população local, notadamente das diferentes etnias indígenas.

No século XX, dentre as expedições empreendidas na região das guianas, destacam-se as do etnologista alemão Theodor Koch-Grunberg. Seus estudos (1911 e 1913) são referência acerca da cultura material (artefatos, arquitetura, dentre outros) e imaterial (aspectos culturais, como rituais, e aspectos linguísticos) dos indígenas do norte de Roraima e da Venezuela.

Sendo assim, neste trabalhamos nos propusemos a apresentar um panorama das observações de Koch-Grunberg sobre a arquitetura indígena em Roraima presentes na obra *Do Roraima ao Orinoco* (volume 1). Para tanto, nos alicerçamos em processos de crítica interna e externa de documentos, e na *análise de conteúdo* como metodologia principal.

Conforme Cristina Sá, “a habitação indígena brasileira se situa naturalmente no conjunto mais amplo da chamada habitação ou arquitetura vernácula, que é dita também popular ou arquitetura sem arquitetos” (2018, [s.p.]). No que se refere ao conceito de arquitetura vernácula, não há consenso sobre o termo, mas muitos pesquisadores o entendem como a arquitetura feita com recursos naturais e técnicas próprias de uma região específica, englobando suas singularidades, incluindo questões tecnológicas, econômicas, históricas e ambientais. Para Gunter Weimer (2005), pode ser atribuído à arquitetura vernácula sua simplicidade em razão do uso de materiais fornecidos pelo meio ambiente. Seu segundo aspecto é a adaptabilidade, já que se adéqua às características locais de maneira a suprir as necessidades da população.

Os aspectos citados acima podem ser observados nos relatos de Koch-Grunberg, que ao longo de seu trajeto entrou em contato com diferentes etnias e modos de apropriação do ambiente. O etnólogo fez apontamentos com relação ao seu primeiro contato com as etnias Macuxi e Wapichana onde reconheceu que os vaqueiros eram indígenas. Seus próximos encontros com eles se deram durante a viagem rumo ao Monte Roraima, onde ele conheceu suas culturas, referindo-se às habitações destas e de outras etnias.

Koch-Grunberg relaciona os cupinzeiros, que encontra durante sua caminhada, com as habitações indígenas, acreditando que os povos possam ter copiado a forma dos cupinzeiros para construir suas moradias, devido às semelhanças que ele observa.

Além de falar diretamente sobre as construções *Macuxi* e *Wapichana,* Grunberg também viajou e visitou outras etnias, analisando suas construções, onde podemos ver as semelhanças e diferenças. A exemplo da descrição de uma construção *Taulipáng*, na comunidade *Roráima:*

> [...] consiste em sete cabanas habitáveis de planta redonda até elíptica ou retangular, com parede baixa de pau a pique e teto cônico de palha de palmeira; [...] A sede da missão consiste em algumas construções térreas e provisórias, com paredes de pau-a-pique e telhados em parte de palha de palmeira, em parte de folha canelada. [...] Nas proximidades ficam, espalhadas, as cabanas dos empregados indígenas. Numa casa conjugada, vizinha de um alpendre para guardar ferramentas e tábuas, fica o dormitório, e uma câmara escura confortavelmente mobiliada (2006, p. 111).

Com essas comparações feitas por Koch-Grunberg é possível enxergar as semelhanças construtivas das etnias no que se diz respeito às técnicas como a de pau a pique para as paredes e a mais comum entre as etnias, a técnica completamente artesanal de amarrações feitas com cipó e que, surpreendentemente resiste a períodos de intensas chuvas e ventos, aos materiais empregados como os de sustentação: madeira e barro; e os de cobertura: cipó, madeira e palhas de palmeira; e à forma de utilização dessas. As diferenças se encontram no formato, podendo ser circular, cônico, quadricular; na função, como: função de moradia (separados ainda hierarquicamente), de depósito, de rituais e celebrações; em adereços como tecidos para separação de cômodos, e objetos ritualísticos; e na disposição das construções, podendo ser uma planta redonda, elíptica ou retangular, mudando de acordo com a organização de funções de cada construção dentro da comunidade.

Nas sociedades indígenas existem diversos processos culturais envolvidos, tanto nas construções, quanto nos demais momentos vividos em comunidade, muitos deles trazidos de gerações extremamente antigas e outros advindos das adaptações necessárias que foram feitas de acordo com as mudanças no mundo. Assim, a forma, a disposição, os materiais utilizados nas construções são espelhos de todos os outros aspectos das vidas daquelas etnias.

Em razão das questões até então discutidas, percebemos que, durante séculos, houve um silenciamento a respeito da imensa contribuição dos indígenas dentro dos processos sociais, culturais e econômicos do Brasil. Por isso, são importantes os atuais estudos nesse campo. Mas, essas análises devem ter como uma de suas premissas básicas que quando se fala de tecnologia, de produção, de adaptações, do uso de matérias-primas dentro das culturas indígenas, também se fala de todas suas significâncias, representações e simbologias (VIDAL; SILVA, 1995). Os estudos de Koch-Grunberg nos permitem apreender muito desses aspectos, incluindo-se as habitações indígenas no contexto de diferentes etnias em Roraima. Desse modo, os relatos de Grunberg são registros que, escritos no passado, também nos falam ao presente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Reinaldo Imbrózio; FERREIRA, Efrem Jorge Gondim. Historiografia das expedições científicas e exploratórias no vale do rio Branco. In: BARBOSA, Reinaldo Imbrózio; FERREIRA, Efrem Jorge Gondim; CASTELLON, Eloy Guillermo (Ed.). **Homem, ambiente e ecologia no Estado de Roraima**. Manaus: INPA, 1997. pp. 193-216.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco, v1:** observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913**.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SÁ, Cristina. Habitação indígena: uma provocação necessária. In: PORTOCARRERO, José Afonso Botura. **Tecnologia indígena em Mato Grosso:** habitação. 2 ed. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2018. [s.p.].

VIDAL, Lux; SILVA, Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola:** novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. pp. 369-401.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Popular Brasileira.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.